

# Malária e Sífilis, Imagética e Realidade

Arary da Cruz Tiriba  
Luciano Henrique Lenz Tolentino

As amazonas constituíram a raça lendária de mulheres guerreiras que preservavam unicamente o gênero feminino, livrando-se, por algum artifício, dos nascituros machos. Mitos, ainda que desacreditados, continuam a figurar nas artes, na literatura, na erudição e na geografia. Orellana, ao descer o Amazonas, afirmou que combateria uma tribo de mulheres guerreiras, do que se originou o nome do grande rio.

Nada raro que à discussão na enfermagem de infectologia figure a malária, entre caminhoneiros, garimpeiros, desflorestadores e missionários. Na maioria das vezes, trata-se do homem adulto que a adquire na bacia amazônica ou no território africano. Entretanto, a facilidade e a velocidade do transporte moderno, e as migrações humanas, têm feito com que a malária atinja, até, o primeiro-mundista helvético, não-turista, residente nas imediações de aeroporto internacional, a distância que o mosquito anofelino transmissor, aerotransportado – do qual não se exige passaporte –, tem suficiente autonomia para cumprir com presteza e eficiência a missão patogênica: a “malária de aeroporto”.

O italiano *mala aria* dá o nome à malária, o que deriva da crença – anterior ao conhecimento da transmissão por mosquito – de que os miasmas eram a sua causa; entre nós, a malária é referida, também, por maleita, impaludismo, sezão.

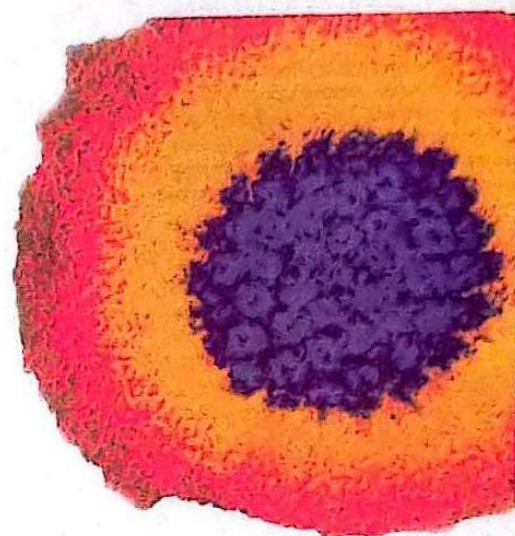
Durante a discussão da semana, o quadro clínico de cidadão cinquentenário foi debatido e esclarecido: neurosífilis (ou neurolues, lues, do latim, corrupção do ar, contágio, epidemia, peste), mal-de-coito, mal-de-fraga, sífi-

lis. Em 2003, terciária, surpreendente! Ter chegado quase ao extremo de causar danos ao coração, ao cérebro, ao fígado e a outros órgãos internos, quando a cura é incerta.

No tocante à sífilis, novamente a imagética; não a grega, outra vez a itálica. O médico, poeta e astrônomo veronês Gerolamo Fracastoro (séc. XVI) compôs o poema *Syphilis sive morbus gallicus* (Sífilis ou o mal gálico) sobre as aventuras do belo pastor Syphilus que insultara Apolo. Vingou-se o deus infligindo-lhe terrível doença cujas manifestações foram descritas: “os membros perdem as carnes, expondo os ossos nus, os dentes caem, a voz fica reduzida a débil sussurro...”

O que poucos sabem é que houve época – de 1917 até os anos 50 –, em que a terapêutica para a sífilis era praticada pela malária! O que levou J. Wagner von Jauregg, em 1927, a ganhar o Prêmio Nobel de Medicina. Injetava ele 5-10 ml de soro de pacientes infectados com *Plasmodium vivax* – o parasita causador da terçã benigna – para provocar os paroxismos febris e, em seguida, administrava o quinino interruptor dos ciclos... A expectativa era que a febre elevada causada pela malária de inoculação exterminasse o espiroqueta *Treponema pallidum*, causador da sífilis. Mas o estranho matrimônio não resistiu por mais tempo, pois que a penicilina de Fleming – curativa da sífilis – foi água fria na fervura...

Estamos distantes da extinção da malária. São extensas as áreas continentais americanas, africanas e asiáticas que concentram os elos de transmissão, expondo os humanos desprevenidos. Nas Américas, o Brasil detém o maior número de casos de malária!



E, fantasmagoricamente, a sífilis vem ressurgindo, do período antenatal à idade adulta. A imprensa médica notícia o seu reaparecimento nos continentes! Com as amazonas, as malárias – a benigna, causada pelo *Pl. vivax*, e a maligna, causada pelo *Pl. falciparum* – continuam presentes, não-míticas, mas verdadeiramente agressivas e hábeis às flechadas, às vezes, mortais. E as sífilis... rediviva! Em relação a essa doença sexualmente transmissível, sua imagem, comparamo-la à do monstro, é *frankensteiniana*.

No século XXI!!! Fábulas greco-romanas revisitando a epidemiologia! Mitologia, romance e realidade, também em biociência.

Arary da Cruz Tiriba  
professor titular (aposentado em  
atuação voluntária) da Unifesp/EPM.  
Luciano Henrique Lenz Tolentino  
médico-residente do Departamento  
de Medicina da Unifesp/EPM.

# Epicédio a Carlos da Silva Lacaz

Helio Begliomini

Corria o ano de 1975 quando o conheci como professor de microbiologia e imunologia na saudosa Faculdade de Medicina de Jundiaí. Suas aulas eram extremamente didáticas, repletas de informações técnicas e assaz ricas de conhecimentos humanísticos e culturais. Mal sabia que estava diante de um dos maiores nomes da medicina brasileira.

Carlos da Silva Lacaz nasceu aos 19 de setembro de 1915 em Guaratinguetá, em São Paulo. Era filho de Rogério da Silva Lacaz, professor de matemática, de quem também foi aluno, e de Judith Limonge Lacaz. Esposou a senhora Dinah Maria Martins Lacaz. Em 1934 ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, tendo feito todo o curso sempre classificado em 1º lugar. Em decorrência disso, conquistou como acadêmico os prêmios Rockefeller (cadeiras básicas), La Royale (curso de graduação), Medicina Legal, Paulo Montenegro e Alves Lima. Ocupou vários cargos, inclusive o de presidente do Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, em que teve participação muito ativa.

Já no 2º ano do curso médico publicou em co-autoria *Curso Prático de Fisiologia e Pranchas do Sistema Nervoso Central*. Começou no 3º ano curricular a frequentar o Departamento de Microbiologia e Imunologia, cujo titular era o professor Floriano Paulo de Almeida, com quem iniciou seus trabalhos de micologia médica.

Diplomou-se em 1940 e ingressou na carreira universitária no Departamento de Microbiologia e Imunologia. Galgou todos os postos sempre com distinção, assumindo a cátedra da disciplina em 1953. Sua tese versou sobre a prova de Coombs, Mourant e Race, constituindo-se no nosso meio num dos pioneiros da imuno-hematologia. Com Oswaldo Mellone e Oscar Yahn publicou monografia sobre a *Doença Hemolítica do Recém-Nascido*, que propiciou a introdução da exangüíneo-transfusão como seu tratamento nos berçários paulistas, bem como se tornou rotina a determinação do fator Rh entre as gestantes e os doadores de sangue.

Ampliou seus conhecimentos de micologia nos estágios realizados em 1945 em Buenos Aires e em Montevideu.

Em reconhecimento a sua atuação e capacidade profissional, foi galardoado numerosas vezes com prêmios, medalhas e homenagens especiais, destacando-se na área de micologia a Medalha Rhoda Benham da Medical Mycological Society of the Americas; o prêmio Alfredo Jurzykowski, da Academia Nacional de Medicina; o prêmio da Fundação Rockefeller e o prêmio Lucille K. Georg, da International Society for Human and Medical Mycology. Em 1999 teve o privilégio de ver seu nome expresso na denominação *Lacazia loboi* como proposta à comunidade científica internacional para um novo gênero de fungo como agente etiológico da doença de Jorge Lobo.

Foi membro de diversas entidades médicas nacionais e estrangeiras, destacando-se Academia Nacional de Medicina, Academia de Medicina del Instituto de Chile, Academia Royale des Sciences d'Outre-Mer (Bruxelas, Bélgica), American Academy of Microbiology, International Society for Human and Animal Mycology e Inter-American Society for Chemotherapy.

Foi presidente da Academia de Medicina de São Paulo; da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; da Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia; da Sociedade Brasileira de História da Medicina; fundador e diretor vitalício do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em que se encontra vastíssimo acervo relacionado à medicina e a médicos de antanho.

Lacaz foi o terceiro presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (1968-1970) sucedendo e antecedendo, respectivamente a dois eminentes médicos e literatos, ambos otorrinolaringologistas, quais sejam, Paulo Mangabeira Albernaz e Octacílio de Carvalho Lopes.

Promoveu inúmeros cursos de férias e ensinou a múltiplas gerações de alunos. Foi convidado para paraninfo e patrono de diversas turmas do curso médico e de áreas afins, como reconhecimento às suas qualidades didáticas.

Realizou em vários estados do país, bem como no exterior, centenas de palestras sobre os mais variados temas, a saber: "Paracoccidiodomicose", "Micose Broncopulmonares", "Doença Hemolítica do Recém-Nascido", "Fundamentos da Micologia Médica", "Humanização da Medicina", "Patologia Tropical", "Geografia Médica", "Vultos da Medicina Brasileira", "Culto ao Passado", "Iatrogenia", "A Obra Científica de Pasteur", "A Obra Científica de Oswaldo Cruz", "A Obra Científica de Carlos Chagas" etc.

Recebeu em seu curso médico a influência de professores com sólida cultura humanística, como Raul Briquet, Antônio de Almeida Prado, José Ória e Celestino Bourroul. Passou a se dedicar nas horas de lazer ao estudo da historiografia médica brasileira, publicando quatro volumes sobre *Vultos da Medicina Brasileira* (1953, 1961, 1966, 1977), obra esta prefaciada pelo professor Antônio de Almeida Prado. Escreveu, também, sobre *Médicos Brasileiros Dicionaristas*, conquistando com esse trabalho o Prêmio de Cultura Geral José de Almeida Camargo (1972), oferecido pela Associação Paulista de Medicina.

Em 1982 publicou *Médicos Sírios e Libaneses do Passado*, rememorando a história da imigração árabe no Brasil e a participação de médicos que vieram principalmente do Líbano emprestar sua colaboração ao desenvolvimento da prática da medicina em nosso meio. Em 1985 publicou *Faculdade de Medicina - Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola*, em que resgatou com ardor e amor a trajetória gloriosa da Casa de Medicina de Arnaldo Vieira de Carvalho. Em 1989 publicou *Médicos Italianos em São Paulo. Trajetória em Busca de Uma Nova Pátria*, o qual, segundo o próprio autor, é uma homenagem "à presença atuante de todos os médicos italo-brasileiros, novos mame-lucos que triunfaram no exercício da medicina, cumprindo com zelo e responsabilidade a arte hipocrática, sempre com infinita bondade, nunca permanecendo omissos da desgraça humana".

Dizia com frequência: "Bem-aventurados os que vivem na glória de seus feitos, no ensino dos discípulos, na sequência dos continuadores. Que os moços saibam recordá-los com imperecível fidelidade". Certamente ele é bem-aventurado, pois, manter-se-á vivo na lembrança e na história da medicina brasileira, visto que formou dezenas de discípulos de vários estados do Brasil, bem como oriundos da Argentina, da Colômbia, da Venezuela, do Peru e do Uruguai nos campos da microbiologia, imunologia e medicina tropical, sobretudo após ter criado em 1959 o Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, anexo à Faculdade de Medicina da USP. A revista dessa instituição, editada em sua administração desde 1959, é considerada um dos melhores, senão o melhor, periódico da América Latina no campo da patologia tropical.

Em 1972 foi responsável nos cursos de pós-graduação pelo ensino das disciplinas de Geografia Médica e Patologia Tropical e Micoses Sistêmicas.

Lacaz integrou o corpo de peritos da Organização Mundial da Saúde em doença infecciosas e parasitárias. Foi também professor titular do Departamento de Medicina Tropical e Dermatologia da Faculdade de Medicina da USP.

Carlos da Silva Lacaz auxiliou, direta ou indiretamente, na criação de três faculdades de medicina, a saber: Faculdade de Medicina de Sorocaba da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Faculdade de Medicina de Jundiaí; e Faculdade de Medicina de Campinas. Nas duas primeiras foi o primeiro titular do Departamento de Microbiologia e Imunologia. Quando membro do Conselho Estadual de Educação, no governo do professor Carlos Alberto de Carvalho Pinto, deu parecer favorável a que se criasse em Campinas a faculdade de medicina, hoje integrada à Unicamp.

Dizia que "se nem todos podem ser gênios, todos podem ser úteis." E ele foi agraciado por possuir um inteligência brilhante associada a um profundo empenho em melhorar as condições de vida dos enfermos, razão de ser médico, além de inolvidáveis contribuições à ciência.

Não foi insensível ao sofrimento humano e sua veia literária traduziu seus sentimentos em inesquecíveis palavras: "Hoje, eu sinto a grandeza de minha profissão, recordando o que vi na velha Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, no pátio dos milagres daquelas grandes enfermarias, com velhas megeras que a caquexia terminava de esculpir em forma de esqueletos revestidos de pelancas. Corpos deformados pela infecção, pela maré montante

dos edemas e derrames cavitários ou, então, comidos e corroídos em vida até a sua última migalha pelo trabalho fabuloso dos cânceres, em toda a natureza".

Em outro momento, assim perenizou sua visão a respeito da doença como fator paradoxalmente construtivo: "A perda da saúde nos predispõe a compreender o mistério da vida. A possibilidade da morte, no mistério insondável do infinito, nos faz deixar de lado a falsa hierarquia de valores, segundo a qual as coisas são sensíveis e visíveis, porque mais ao nosso alcance, nos parece da maior importância. A moléstia facilita a reposição de cada coisa em seu lugar. Os valores qualitativos voltam a dominar os quantitativos".

"A sede dos prazeres sensuais desaparece ou se reduz. E o mundo volta, pela redescoberta do mistério de cada coisa, a possuir para o doente um encanto e uma importância que ele não tinha, ou, então, possuía numa falsa colocação de valores. Todo doente é uma criança assustada, qualquer que seja a sua idade. Perde o homem seu orgulho, sua vaidade, suas ilusões de onipotência, sente-se pequeno, frágil, precisa de novo do amparo materno. Volta à infância. E toda a infância é um estado de purificação."

Carlos da Silva Lacaz publicou diversos livros e monografias na área médica, destacando-se *Micologia Médica, Introdução à Geografia Médica do Brasil, Doenças latrogênicas, Infecções por Agentes Oportunistas, Antibióticos, Imunopatologia Tropical, Alergia nas Regiões Tropicais, O Grande Mundo dos Fungos e Candidíases*.

Recebeu títulos de Professor *Hunoris Causa* da universidade Federal do Ceará, da Universidade Nacional Del Nordeste (Resistência, Argentina) e da Universidade Federal da Bahia.

Durante dois anos e meio – de março de 1971 a agosto de 1973 – no governo de José Carlos de Figueiredo Ferraz foi secretário de Higiene e Saúde do Município de São Paulo.

Cooperou no campo da patologia tropical no Instituto Nacional de Pesquisa do Amazonas.

Lacaz foi vice-diretor por duas vezes (1963-1970 e 1978-1982) e diretor (1974-1978) da Faculdade de Medicina da USP, diretor da Escola de Enfermagem (1979-1983) e pró-reitor da Universidade de São Paulo (1974-1978).

Jamais ouvi alguém que defendesse como ele, com o mesmo ardor e amor, o médico e a medicina como profissão nobre, digna e sacerdotal. Seu candente humanismo e sua vasta cultura eram ingredientes sólidos de sua exímia capacidade

retórica que encantavam e plasmavam indelevelmente a alma de seus ouvintes.

Colaborou por mais de 40 anos em jornais, tendo publicado centenas de artigos na *Folha de S. Paulo* e outros periódicos.

Lacaz foi professor, diretor, escritor, humanista, editor, cientista, administrador, pensador e esteta de escol. Acreditava explicitamente em Deus, mostrando que ciência e fé são compatíveis e complementares, até porque a ciência é limitada em seu mister. Referia que "a solução para todos os problemas deverá estar regulada por uma força moral que se fundamente no caráter do homem, nutrida pelas verdades eternas de Deus". Mais ainda, "ao final de minha carreira continuo a sentir cada vez mais a grandeza de Deus ao criar esta coisa prodigiosa que é o corpo humano. No crescimento, no milagre da adolescência, na saúde plena e na eurritmia de idade madura, na vida em toda a sua pujança e o seu transbordamento na reprodução. Igualmente admirável nos desequilíbrios da velhice, na senectude, na desagregação e, até, na própria morte".

Era lépido no raciocínio e versátil no pensamento, exercendo e transmitindo intensamente com amor a arte hipócrática por 61 anos. Embora valorizasse a vida, tinha sempre na morte um ponto de meditação. São suas palavras: "A medicina aproxima-nos também das verdades fundamentais da natureza e nos põe em contato com o precário e o fugitivo de todas as coisas e com a realidade tangível da morte." "...Mais de meio século tenho vivido mergulhado em uma profissão humana, augusta, bela, sacrossanta, divina, mas triste, terrível e tétrica ao mesmo tempo, pois ela trabalha e lida com a vida e com a morte, esta sempre invencível, incombustível e triunfante."

A sua morte, ocorrida em 23 de abril de 2002, trouxe uma lacuna irreparável a nossa sociedade. Com o seu passamento, a medicina brasileira perdeu um dos seus maiores patrimônios contemporâneos, pois ele soube, como poucos, amar a medicina como profissão sacerdotal e servir à sua precípua finalidade aqueles que padecem.

**Helio Begliomini**

foi ex-presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional de São Paulo (1992-1994) e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores Nacional (1998-2000)

# As piranhas

## Conto-Médico-Policial

Vicente Amato Neto

Jacyr Pasternak

Em Mato Grosso ainda é comum levar um bando de bois e vacas andando, tangidos por vaqueiros, até o lugar onde serão finalmente engordados e devidamente transformados em bife. Nesses passeios há a necessidade de atravessar rios, e nos rios existem as famosas piranhas. Portanto, é costume fazer que um boi mais velho, mais inútil ou mais chato – ou tudo isto – seja usado para passar primeiro pelo rio. Ele chega até a metade sem muito problema, até trombar com a primeira piranha, que, assustada, dá uma dentadinha. O cheiro do sangue atrai a segunda, a terceira e todas as piranhas da redondeza, que devoram

o boi, enquanto o resto da bolada passa incólume.

Em grandes hospitais privados nestes pais, particularmente na cidade de São Paulo, acontece algo semelhante quando aquela raridade raríssima – um paciente particular que pode pagar todas as contas ou então um dono de firma que pode gastar o que quiser que o convênio cobre e não reclama – é internado. A diferença é que uma piranha conta para a outra que a presa está no pedaço, e então todas as piranhas (pelo menos as amigas) se servem juntas do prato. O cidadão chega com um infarto, e é paciente do cardiologista. É velhinho, fica de

cama, tem dificuldade para urinar, e é chamado o urologista, amigo do cardiologista. Aí ele fica nauseado e conseqüentemente precisa de um gastroenterologista, que por sua vez faz uma endoscopia e descobre sinais de infecção pelo *Helicobacter pylori*, e tome um infectologista, que por sua vez dá medicações várias que causam diarreia e tome nova endoscopia para descobrir uma colite por *Clostridium difficile*, que necessita de uma nova consulta ao infectologista, enquanto o cardiologista se preocupa com os pulmões de um velho fumante e nota algo, no exame radiológico de tórax, tênue, delicado, tornando necessário recorrer a um pneumologista, que pede uma tomografia de cortes finos para alegria do radiologista, e este, por sua vez, vê algo estranho, possivelmente precisando de biópsia e por conseguinte ficando inevitável conversar com um cirurgião torácico – e isto vai até que todas as piranhas estejam devidamente alimentadas, que todos têm compromissos, imposto de renda a pagar, filhos na faculdade e necessidades que todos nós temos.

O doutor nunca foi entusiasta do sistema, pois pela sua personalidade levemente abrasiva não era membro dos grupos que se locupletavam juntos. Mas conhecia o fato, até porque, por mal dos pecados, às vezes um paciente o conhecia e pedia ele e não o infectologista da patota – problemaço, visto que às vezes ficava muito difícil saber o motivo da consulta e a real necessidade de um especialista. Enfim. Nestes casos lá ia o doutor, fazia o que deveria ser feito e pulava fora, deixando o que provavelmente era a mais moderada conta de toda a internação.

Certo dia estava o doutor no saguão de um belo hospital que atendia às elites desta terra quando foi surpreendido pelo Benevides, velho amigo inseri-



do num desses grupos de apoio mútuo e financeiro:

- Meu caro, faz tempo! Você não envelhece mesmo, sem vergonha!

O doutor tinha certeza que quando alguém brada alguma coisa desse tipo é porque ficaram visíveis mais fios de cabelos brancos e pelo menos mais 50 rugas, ou então as clareiras já respeitáveis na testa estavam progredindo rapidamente umas ao encontro das demais. Mas, para não deixar o outro sem graça, retrucou:

- E você, Benevides, você é que não muda.

E em muitos aspectos isto era verdade. O Benevides fisicamente mostrava claramente cada um dos seus 68 anos bem vividos, mas não mudava em nada na malandragem, desde que durante o curso médico era propagandista de laboratório nas horas vagas para ganhar uma graninha. Isto ele garantia puxando o saco dos doutores em todo o hospital universitário, e uma vez formado, continuava puxando o saco dos ilustres até conseguir entrar na patota das piranhas de primeiro grau, como um dos eleitos. O Benevides era o urologista do bando, o que lhe garantia uma vida mansa - afinal, qual é o velho rico que não tem aumento da próstata?

O Benevides fez questão de pagar o cafezinho - hospital chique tem barzinho na entrada, barzinho no fundo e provavelmente frigobar no quarto, cheio daquelas garrafinhas miniaturas de uísque tão custosas quanto as garrafas grandes em outros lugares.

Ele estava meio chateado e falou para o doutor:

- Você sabia que o Aristóbulo faleceu?

O doutor não sabia e, para ser franco, não fazia muita questão de saber. O Aristóbulo era um outro colega do citado grupo, o gastroenterologista especializado em passar seus canos por cima e por baixo de todo ricoço disponível. O doutor lembrou de um livro famoso nos Estados Unidos, *The house of Shen*, em que o herói é exatamente um residente de gastroenterologia cuja ambição é ir para Hollywood e ganhar a vida endoscopiando as estrelas, os estrelos e os donos de estúdios.

- Coitado! E morreu de quê?

Claro que todo morto vira coitado, e depois excelente facultativo, varão de Plutarco, excelente criatura - de *mortui nisi bonum*. O doutor percebeu

que estava ficando velho, o que é óbvio quando se começa a lembrar de provérbios latinos em latim, latim que ele havia aprendido no colégio, o que marca bem a idade, já que há gerações só seminarista aprende latim, se é que ainda ensinam isto em seminário. O doutor achava que hoje em seminários o que deve estar sendo ensinado é como atacar sexualmente os coroinhas sem correr riscos.

- Você não vai acreditar, eu mesmo não acredito quando me contaram, mas o Aristóbulo caiu do telhado!

- Como o gato?

- Brinca não, mano. O Aristóbulo estava no terraço aqui em cima, tomando a fresca, numa tarde de verão de São Paulo e de repente ouvimos um grito e ele estava espatifado no pátio.

- Suicídio?

- Pensamos nisso, mas por quê? Ele estava bem de vida, tudo correndo liso, ganhando bem, ele tinha uns casos por aí, mas quem não tem?, e a burra da mulher dele você conhece; esta, se não vê o ato, não acredita que aquele santo do marido faça coisas desse tipo. Pode ter sido um acidente.

O doutor não se preocupou muito com essa história - afinal ele não era muito amigo do Aristóbulo. E por meses ficou apenas com isso na lembrança, até, que foi chamado para avaliar um colega doente, com um quadro bizarro de febre, alterações graves da personalidade aparecidas subitamente, confusão mental e exames absolutamente normais, incluindo liquor, tomografia e ressonância cerebrais e todos os tipos de estudos hematológicos jamais imaginados pelo homem, além de 50 sorologias para doenças infecciosas, algumas das quais que só ocorrem na Tailândia e em alguns lugares da Índia, de modo que seriam pouco prováveis aqui no meio da América do Sul. O paciente estava realmente febril, com os olhos avermelhados e falando bobagens; contudo, neurologicamente não mostrava grandes alterações e o doutor, que não nasceu ontem, começou por onde os outros colegas provavelmente devem ter esquecido de começar, qual seja, examinando o paciente. Ele desconfiou da existência de mutreta no pedaço - o indivíduo tinha uma verborragia contínua e vocalizava medos paranóides de perseguição, estava agitado,

saía da cama e olhava pela janela do quarto - e o doutor já tinha visto muita gente com a nóia da cocaína para não conjecturar algo semelhante. O diabo é que o colega era um rapaz novo que conseguira se incluir no grupo de piranhas especializadas em depenar ricos ou convênios ricos. O doutor resolveu pedir uns testes para drogas na urina, para início de conversa, e foi até o laboratório pessoalmente com o precioso fluido. Não deu outra - tinha cocaína saindo pelo ladrão. O doutor convocou o colega que cuidava do paciente e ambos chamaram o psiquiatra com bom treinamento em tratar colegas envolvidos com droga. Não é simples - médico tem acesso fácil a essas coisas e capacidade de disfarçar muito bem quando usa esses estimulantes mentais, além de uma enorme capacidade de se enganar, de achar que ele é só usuário, não viciado. Temos precedentes: imortal professor de farmacologia de nossa mais famosa faculdade de medicina adquiriu fama por proferir, em pleno curso:

- Maconha não vicia! Vejam meu exemplo, eu fumo há 40 anos sem nenhum problema, a não ser a dificuldade de parar de fumar.

Dois dias depois o doutor foi ver o colega, aí já na fase de depressão que se sucede à nóia, meio jururu, mas perfeitamente consciente, tanto que agradeceu ao doutor e pediu desculpas pelo trabalho, ele ia parar com aquilo, estava difícil e ele mesmo admitiu que não controlava bem o consumo, porém nem tudo era nóia.

- Você sabe que para entrar no grupinho é difícil pra burro, e tem gente que faz de tudo para conseguir uma vaga. E, como ninguém larga a boca, só tem um jeito de entrar: é quando alguém se aposenta ou morre. Veja o Aristóbulo...

- Ele caiu do terraço, não foi?

- Essa é a versão oficial, mas ninguém me tira da cabeça que o cara que está hoje no lugar dele, vendo os ricos por dentro, do lado de cima e do lado de baixo, não tenha ajudado a dar um empurrãozinho.

- Como é que você sabe?

- Sei porque nós três, Aristóbulo, o sucessor do Aristóbulo e eu, traçamos a dama de branco juntos, e mais de uma vez o fizemos aqui nesta nobre casa mesmo, lá em cima. É só arrumar um espelhinho e colocar umas três

carreiras, uma para cada um, no peito-ril do terraço. E ninguém me tira da cabeça que o safado não tivesse aproveitado o vôo do Aristóbulo e sugerido que ele poderia virar *Superman*: era só falar "Shazan".

– E o Aristóbulo caiu nessa e pulou?  
– Você já experimentou cocaína pura de boa qualidade?

– Nem de boa nem de má. Eu sou careta.

– Tudo bem, eu acho até que você tem razão, mas vai por mim: depois de aspirar uma coca boa, se alguém disser para você que você tem superpoderes, você voa mesmo. E o sucessor do Aristóbulo é gozado: depois do que aconteceu ele parou de usar, pelo menos conosco. Não, amigo, nada me tira da cabeça que eles cheiraram juntos, que o bandido queria o lugar do Aristóbulo, que o Aristóbulo às vezes o deixava como auxiliar, mas nunca iria ceder a boca, que ele não estava disposto a esperar 20 anos e que ele su-

geriu ao Aristóbulo um vôo por aí, e o Aristóbulo aceitou a sugestão.

O doutor achou que tudo isso poderia ser apenas uma paranóia exagerada de drogado. O colega teve alta, anda por aí aparentemente recuperado, o doutor mais uma vez esqueceu a história.

Um belo dia o doutor precisou ir a esse famoso hospital em que os ricos e poderosos são atendidos, e o pátio de estacionamento estava repleto de Mercedões, BMWs, Toyotas e outras preciosidades, sem um lugarzinho para seu velho Voyage. Felizmente, nesses lugares, como nos restaurantes da moda, há manobrista. Parou seu carro, deu a chave ao manobrista, foi ver seu doente.

Saiu bem tarde, o manobrista mostrou onde estava o carro e disse:

– Credo, doutor, parei bem onde aquele seu colega caiu. Que horror!

– Você estava aí no dia do desastre?

– Estava, sim, senhor, e acho que fui

eu que ouvi o que ele berrou. Que coisa estranha!

O doutor olhou o rapaz, moço, de geração que leu outros gibis, e perguntou:

– E o que foi que ele gritou?

– Pois é doutor, uma palavra em estrangeiro, mas eu entendi bem. Ele gritava "Shazan"!

Pois é, pensou o doutor. A palavra mágica... só funcionava com Clark Kent. Mas achou melhor não explicar isto ao rapaz. Afinal, a geração dele não leu *Superman*, deve conhecer mal e mal o filme, e olhe lá...

**Vicente Amato Neto  
e Jacyr Pasternak**

*são médicos e professores  
universitários*

# Salvos pela Caixa D'água

**Mario de Mello Faro**

Fui convidado para um vôo especial, por colega de ginásio que cursava a Escola de Aeronáutica.

Perguntou-me se queria acompanhá-lo ao Rio de Janeiro, para trazer alguns objetos de sua família.

Disse-me que iríamos e voltaríamos em plena luz do dia, pois o avião não tinha recursos técnicos para vôo noturno.

Concordei. Cheguei ao Campo de Marte por volta das 9 horas, com bastante sol e claridade... tipo céu de brigadeiro.

Embarcamos num avião de treinamento primário, daqueles que abrem a nacela superior, voam baixo e possuem pouca autonomia.

No Rio de Janeiro, cumprimos nossa tarefa. Entre as peças havia um quadro de família, com enorme moldura e de relativo valor artístico.

Subimos no avião. Piloto na frente e eu atrás, segurando firmemente o citado quadro.

Conforme íamos nos aproximando de São Paulo, o tempo se tornava cada vez mais encoberto, com muita chuva, turbulência e neblina, que à medida que avançávamos se tornava mais densa e com reduzida visibilidade... até que nada vimos.

"E agora?", perguntei temeroso. Preocupado, disse-me não saber onde estava. Sugeriu que então fosse para Jundiaí, onde o tempo deveria ser melhor. "Impossível, não há combustível suficiente."

"Então", perguntei, já apavorado... "que fazer?"

Somente uma alternativa, arremeter o avião, furar a camada de neblina, verificar rapidamente onde estávamos e fazer um pouso de emergência no local que fosse possível, de preferência onde não existissem casas.

"Seja lá o que Deus quiser", murmurei trêmulo e angustiado. "Ninguém morre sem chegar seu dia", pensei com meus botões.

Iniciou o procedimento adequado e em determinado momento gritou, triunfante: "Estamos salvos!" Havia visto a torre da caixa d'água de Santana, na reta da pista do Campo de Marte.

Mais uma vez, o destino fora uma incógnita. Nosso dia era de alegria e não de tristeza.

Ao aterrissarmos, meu amigo piloto saiu do avião, olhou para trás e disse-me com a maior naturalidade: "Chegamos, vamos!!"

Não consegui movimentar as pernas para sair do avião.

**Mario de Mello Faro é médico**

# Lula e a Cultura

Jorge Michalany

Desde quando Luiz Inácio Lula da Silva candidatou-se à Presidência da República, era voz corrente que tal candidato não tinha cultura para governar o país. Realmente, o "sapo barbudo", como ele era chamado por Leonel Brizola – um farsante, pois é socialista no Brasil, mas capitalista no Uruguai –, não chegou a terminar o curso secundário, cometia erros de linguagem e, o pior, se recusava a ingressar num curso superior. Ele argumentava que, embora sem curso universitário, conhecia os problemas do Brasil como ninguém. Ademais, propunha, com muita lógica, as mudanças indispensáveis para o país poder crescer.

Sucedem que sua falta de cultura, tão ridicularizada pela elite política e empresarial, era compensada por sua inteligência fora do comum. Realmente, tal como referiu a jornalista e historiadora Denise Paraná, Lula possui potente intuição, tendo uma forma única de raciocinar, de ir além, alcançar o que poucos alcançam. É um autodidata único, demonstrando rápida absorção de idéias. Em linguagem estudantil, eu diria que Lula aprende de "orelhada".

A meu ver, se houve uma falha na inteligência de Lula, foi a de ele não ter se apercebido da explosão demográfica brasileira, sobretudo do Nordeste, onde a pobreza, além da seca, é diretamente proporcional ao aumento constante da população. Para um pau-de-arara que sofreu isso na carne, é estranho ele ter deixado de propor o planejamento familiar às regiões carentes, já que, quanto mais numerosa uma família, maiores as dificuldades para alimentar e educar os filhos. Ademais, não se deve esquecer que a explosão demográfica levará as populações fa-



mentas a ocupar e, conseqüentemente, destruir o que é de mais precioso para a ecologia do Brasil, se não do mundo, a Amazônia e o Pantanal. Medo da Igreja? Medo dos políticos? *That is the question!*

Voltando ao tema, a personalidade de Lula, traz à baila a confusão que muitos fazem com cultura e inteligência.

Cultura significa adiantamento por meio da informação, ao passo que inteligência é a capacidade inata de imaginação. Em outras palavras, uma pessoa culta é produto de estudo, enquanto a inteligente nasce com essa qualidade. Daí haver homens cultos, mas desprovidos de imaginação, ao passo que existem homens de instrução elementar que chegam a ser gênios. Foi o caso, por exemplo, de Thomas Edison e Henry Ford, o primeiro, o inventor da lâmpada elétrica e, o segundo, o idealizador da montagem em série do automóvel.

Diferentemente desses gênios, há indivíduos cultos, mas incapazes de imaginar algo novo. E eu tive o desprazer de conviver com alguns deles e agüentar as asneiras de suas pretendidas experiências científicas ou empresariais.

Devo confessar que também cheguei a menosprezar Lula quando ele, em vez de Fernando Henrique, teria de encontrar-se com a rainha da Inglaterra. Mas hoje, depois de assistir aos debates políticos, mudei de opinião a seu respeito, como, aliás, inúmeras pessoas. Todavia, afirmo mais uma vez, faltou ao Lula encarar o planejamento familiar.

**Jorge Michalany**

Curador do Museu de História da Medicina da APM

# Nada e tudo

Carlos José Benatti

Desvencilhar-se  
Roupa, esse grillão da liberdade  
Nietzsche e Sartre  
Meu Deus, que saudade.

O que existe em si  
E o que existe para mim  
A minha propriedade  
é o que diz sim.

O amor desaparece  
Fica só o conhecimento do amor  
Tudo se desvanece  
Que imensidão, a dor.

Liberdade, essa vivência  
Modifica-se em aceitar  
A rejeição, essa dependência  
Como definir esse amar.

Mágoa, revoada interna  
Sinal que assume minha existência  
Essa cicatriz que hiberna  
Vai florir minha imanência.  
A vida que não é minha  
Ela que me foi doada  
Ser nascido, imensa vinha.

Tudo desaba no nada  
A grande conexão do viver  
Razão tão falada  
O vínculo do ser ao ser  
O vínculo do ser ao nada.

Vida com a morte  
A cria e o criador  
Vida sem a morte  
Ao teatro contra o ator.

Água  
Nágua  
Ada  
Adão  
Nada.

Toda criação pressupõe dependência  
Criador e criatura  
Criador x criatura  
Com criação  
Não há auto-suficiência  
A razão da psicose  
A razão da inteligência  
O entendimento de mim foge  
Aproximo e crio a ciência.

## Dia de Outono

José Carlos Barbuio

O sol empalidece o céu. A paisagem é plana, monótona e letárgica. O carro se projeta na estrada reta, silencioso; ouve-se apenas um som fino, qual murmúrio de uma criança, provocado pelo vento batendo no espelho retrovisor externo. Apesar da aridez da pradaria, sinto uma enorme liberdade. À minha frente um horizonte desconhecido, cheio de surpresas, boas talvez. Atrás, a estrada percorrida, montanhas superadas, nós desatados. O carro corre livre, rompendo a brisa seca; o movimento contínuo me transmite sensação de renovação.

## Chuva de Verão

José Carlos Barbuio

A nuvem plúmbea esgarça-se com o vento e pulveriza-se em gotículas de água, que, de repente, se avolumam. As frondosas árvores balançam como se fossem pequenos arbustos. Sons ensurdecedores de trovões misturam-se a acordes finos, de violino, provocados pela passagem do vento, por entre os galhos. Como mãe apressada, a água torrencial lava a vegetação, com força. As árvores reclamam da rapidez da chuva, com voz e lamentação.

### DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (presidente *(in memoriam)*) / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

**Cinemateca:** Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira